



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE TURISMO

FERNANDA PRISCILA RIBEIRO MACKERT

**Desafios para a implementação do turismo rural no bairro do Imbiú e Venda Nova-
Teresópolis- RJ**

Rio de Janeiro

2014

Fernanda Priscila Ribeiro Mackert

**Desafios para a implementação do turismo rural no bairro do Imbiú e adja
Teresópolis- RJ**

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da UERJ como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Clara C. Lemos

Teresópolis

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CTC-T

M157 Mackert, Fernanda Priscila Ribeiro.
Desafios para a implementação do turismo rural no bairro do Imbiú e adjacências, Teresópolis RJ / Fernanda Priscila Ribeiro Mackert. – 2014.
59 f.

Orientadora: Clara Carvalho de Lemos.
Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

1. Turismo - Planejamento – Teresópolis (RJ). 2. Turismo rural – Teresópolis (RJ). 3. Agricultura familiar – Teresópolis (RJ). 4. Turismo – Aspectos econômicos. 5. Segmentação turística. I. Título. II. Lemos, Clara Carvalho de. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Turismo.

CDU 379.851(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fernanda Priscila Ribeiro Mackert

**Desafios para a implementação do turismo rural no bairro do Imbiú e adjacências-
Teresópolis- RJ**

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da UERJ como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

Banca Examinadora:

Prof Dr. Cléber Marques de Castro

Departamento de Turismo UERJ

Prof Dr. Rafael Ângelo Fortunato

Departamento de Turismo UERJ

Teresópolis

2014

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente, a Deus por ter me dado à oportunidade, a perseverança e o foco de ingressar em uma graduação pública. Por todos esses anos longe de amigos e da minha família ele me sustentou e me dava um ânimo novo todos os dias!

Aos meus pais, por todo o investimento feito para que o sonho de estudar em uma instituição reconhecida se tornasse realidade. Por todo empenho e dedicação, por toda compreensão e ajuda durante os quatro anos que residi em Teresópolis.

Ao meu noivo, Marlon Maia pela compreensão, empenho e ajuda.

As minhas amigas Gabriela Pacheco e Camila Araújo que nunca me deixaram desistir, pelo tempo que passamos juntas, pela paciência e amizade e aos demais colegas de classe, por todos os momentos e trabalhos de campo.

À minha orientadora, Prof. Dra. Clara Lemos pela paciência e dedicação que demonstrou durante as nossas reuniões e na elaboração deste trabalho. Ao pessoal do DTUR, pela ajuda e pelo carinho.

RESUMO

Turismo Rural é uma atividade que surgiu no interior do estado de Santa Catarina no início dos anos de 1980 a fim de complementar a renda familiar. Vale ressaltar que nesta atividade prevalece muitas vezes o predomínio familiar na administração e cultivo dos produtos. O turismo é para complementar uma atividade que já existe, a agropecuária, e nunca como forma de substituição. Para elaboração desta pesquisa adotou-se como metodologia questionários e visitas técnicas na região de estudo, o que possibilitou o andamento dos estudos e a uma conclusão satisfatória. Com base em levantamento bibliográfico os principais autores que contribuíram com a pesquisa foram Marafon (2006), Almeida(2000) e Portuguez (2006). A partir deste estudo foi possível concluir acerca da possibilidade de elaboração de roteiros turísticos nos bairros estudados, assim sendo, é notável o interesse dos agricultores, porém faltam incentivos e o histórico da população e da região deixam a desejar quando pensamos em colocar em prática o turismo rural na região.

Palavras-Chave: Turismo Rural. Teresópolis. Potencialidades.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVO	4
3. METODOLOGIA	7
4. TURISMO RURAL: UMA DISCUSSÃO	8
4.1. Rural e urbano: diferenças e tendências atuais	9
4.2. O fenômeno da pluriatividade.....	12
5. TURISMO RURAL NO BRASIL: TENDÊNCIAS ATUAIS E PERSPECTIVAS	17
5.1 Perfil da demanda	17
5.2. Perspectivas futuras	23
6. TURISMO RURAL EM TERESÓPOLIS: DESAFIOS PARA SEU DESENVOLVIMENTO NO BAIRRO DO IMBIÚ E ADJACÊNCIAS	25
6.1. Histórico.....	25
6.2. Características gerais	26
7. RESULTADOS	30
7.1. Êxodo Rural.....	30
7.2. Falta de interesse dos proprietários	31
7.3. Turismo na região.....	32
7.4. Turismo Rural na região.....	32
7.5. Fim da agricultura e início das indústrias.....	32
7.6. Favelização.....	33
7.8. A vida na lavoura	34
7.9. Meeiros/ Arrendatários/Proprietário	34
7.10. Histórico: porque não o turista ao invés do atravessador?.....	35
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
9. REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

O Brasil passa por um momento de aquecimento do mercado de turismo interno, por conta do aumento do poder aquisitivo da população e do acesso ao crédito, e também com grandes possibilidades do aumento do número de chegadas internacionais com os jogos que serão realizados no Rio de Janeiro que, aliás, já vem passando por intensas transformações.

Segundo o Ministério do Turismo o turismo interno cresceu cerca de 13% em 2012 em relação à 2011, e o Turismo Rural cresceu cerca de 6% e é a escolha de cerca de 3% de turistas do mundo (Documento Referencial Turismo no Brasil: MTur- Ministério do Turismo, 2011). É notável a importância do turismo para o Brasil. Esta atividade movimenta a economia, gera emprego e melhora o desenvolvimento das cidades gerando um fluxo de capital e de pessoas muito grande em determinadas épocas do ano. Como exemplo, pode ser citado o caso de Jericoacoara, que era um município onde, há mais de 30 anos, viviam apenas pescadores, assim como Canoa Quebrada. Ambas estão localizadas no Ceará, e hoje sobrevivem do turismo. Houve geração de muitos empregos diretos e indiretos, aumento do poder aquisitivo da população e hoje “Jeri”, como ficou mundialmente conhecida, é destino referência no turismo de sol e praia, segundo o Ministério do Turismo.

Para facilitar a comercialização dos destinos e entender as motivações das viagens, o Ministério do Turismo (MTur) se posicionou com uma política de estímulo à segmentação como uma estratégia de marketing definindo assim alguns destinos referências com o objetivo de identificar, direcionar e fidelizar o turista.

Para o Ministério do Turismo, a segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda (Ministério do Turismo. Brasília, 2006).

Esta segmentação é essencial para conhecer o turista: sua faixa etária, nível econômico ou de renda, escolaridade, ocupação e estilo de vida. O motivo da viagem, entretanto, é o principal meio disponível para se segmentar o mercado.

Dentre tantos segmentos possíveis, baseados nas características da oferta e no comportamento do consumidor, está o turismo rural. Os turistas estão cada vez mais exigentes, no mundo atual se diferenciar é de grande valia e os roteiros turísticos precisam ser elaborados a fim de corresponder às expectativas e necessidade dos turistas.

O turismo rural pode ser uma oportunidade de crescimento e valorização das zonas rurais do Brasil, já que, com a segmentação, o principal objetivo do MTUR é reduzir a pobreza e a inclusão social, esta por sua vez vem para integrar essas pessoas que muitas vezes se sentem abandonadas pelo poder público local. A interação com o turista é uma das maneiras de integrá-las na sociedade através do resgate e preservação dos seus valores culturais e ambientais.

O meio rural na maioria das vezes, carece de atenção por parte do governo e instituições públicas por conta disso seu desenvolvimento não acontece de maneira eficaz assim sendo os níveis de pobreza aumentam. O Turismo Rural vem para incrementar a renda da população local, gerando fonte de renda extra, sem abandonar a atividade principal, ou seja, quaisquer atividades realizadas pelo agricultor na zona rural.

É necessário reconhecer a tamanha importância da interiorização do turismo no Brasil, pois pode promover o aumento do consumo dos produtos de uma maneira geral, e é uma maneira de aumentar a divulgação do turismo brasileiro no exterior.

Conforme o governo cria incentivos para a consolidação de determinado segmento, os autóctones vão reconhecendo sua importância à medida que o governo investe na região e os trás benefícios e mostrando para o turista as potencialidades da região, é importante aprofundar o debate sobre os desafios para a consolidação do turismo rural na região principalmente entre os agricultores afim de (re)valorizar o espaço.

Algumas cidades já possuem o turismo rural consolidado como é o caso de algumas cidades de Santa Catarina que se tornaram modelo neste sentido. A cidade de Teresópolis pode ser considerada um potencial, porém carece de estudos e pesquisas na zona rural. Por essa razão, o intuito e objetivo principal desta pesquisa é analisar se o potencial realmente existe e quais são os desafios futuros para sua consolidação.

2. OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho é analisar o panorama atual do Turismo Rural em Teresópolis, mais especificamente em Venda Nova e Imbiu. Com o objetivo de analisar os desafios para implementação do turismo rural nestes bairros esta pesquisa reforça o conceito da atividade sem abandonar a sua atividade principal, a agricultura.

Como objetivo geral, este trabalho pretende analisar o Turismo Rural na cidade de Teresópolis a fim de caracterizar seu desenvolvimento e aceitação da comunidade. Outro objetivo é expor um questionamento: como uma região com tanto potencial e com agricultores interessados ainda não explorou o turismo rural?

Para alcançar o objetivo geral foi necessário dividir em objetivos específicos:

- Analisar o Turismo Rural no Brasil

Esta análise terá um caráter abrangente, um panorama geral do turismo rural no Brasil, as tendências e perspectivas bem como sua importância para a economia brasileira.

- Definir as perspectivas para o Turismo Rural em Teresópolis

A importância das políticas públicas na determinação da cidade como um destino referência em turismo rural no futuro, os anseios da população local e dos agricultores do que tange estas questões.

- Caracterizar o turismo existente em Venda Nova e Imbiu e chegar à conclusão quanto ao seu potencial

3. METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica dos principais autores relacionados ao assunto assim como pesquisas documentais nos principais órgãos de pesquisa e planejamento, em especial o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, Ministério do Turismo-MTur, Sec. de Agricultura da cidade de Teresópolis/Rio de Janeiro e Plano Diretor da cidade de Teresópolis/ 20 out, 2006. O trabalho de campo foi realizado com instrumentos de coleta de dados como a elaboração de questionário, entrevistas formais e informais com pequenos e médios agricultores rurais e observações in loco.

Optou-se por restringir a pesquisa de campo aos bairros de Venda Nova e Imbiú, e essa opção surgiu da necessidade e do interesse em estudar a região onde não foram desenvolvidas pesquisas acadêmicas sobre turismo até o momento, e pelo fato de já haver um projeto de pesquisa e extensão do Departamento de Turismo – DTUR, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em curso. O que foi identificado até o presente momento é um estudo do Professor João Rua, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, estudo este que está em andamento e que não gerou publicação ainda. Em uma breve introdução do seu trabalho, o autor propõe a educação ambiental como forma de integrar o turista e a população local tendo como base o desenvolvimento individual e coletivo de ambos. O autor também menciona a importância da descoberta do diferente e a importância da fuga dos padrões das massas padronizadas neste processo.

[...] a atividade turística, através do conhecimento do ambiente natural, e com a participação ativa das populações locais tanto no planejamento como na implantação dessa atividade pode levar a um desenvolvimento sustentável, principalmente das pequenas comunidades. (RUA, 2014)

Outro trabalho relevante desenvolvido na região é o de Gláucio José Marafon, professor do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que pesquisou o fenômeno da pluriatividade no circuito Terê-Fri, veremos a seguir.

Outros autores da área como ALMEIDA, 2000, PORTUGUEZ, 2006 e FONTELES, 2001 tiveram uma contribuição significativa, pois pesquisaram sobre o turismo no espaço rural, os impactos da atividade e turismo rural no Brasil e no estado do Rio de Janeiro.

Durante as idas a campo para coleta de dados optou-se pelo método de entrevista semiestruturada. A vantagem desse instrumento é a possibilidade de poder fazer perguntas abertas e fechadas, podendo assim ser conduzida como uma conversa informal, o que seria mais adequado em uma zona rural. Houve a preocupação em adicionar perguntas no decorrer das entrevistas, possibilitando maior flexibilidade e um campo maior de informações. Em muitas situações, muitos fugiam do tema proposto e era necessário foco neste momento para que os objetivos fossem alcançados. Outra vantagem deste tipo de entrevista é o áudio, vídeo e a fotografia como forma de obter as respostas possibilitando aos entrevistados uma maior comodidade, não precisando preencher documentos ou enviar as respostas por correios ou e-mail, o que seria praticamente inviável neste caso.

A partir dessas informações e das visitas técnicas realizadas no bairro de Venda Nova e Imbiú decidiu-se restringir a pesquisa junto aos alunos do Centro Interescolar de Agropecuária José Francisco Lippi, localizada às margens da Estrada Teresópolis-Friburgo. Com o intuito de conhecer o grau de sensibilização para o turismo e o interesse dos alunos da escola em trabalhar com turismo rural, foram aplicados questionários nas turmas de ensino técnico e ensino médio.

Com o resultado dos questionários foi oferecido aos alunos do terceiro ano e técnico em agropecuária um curso de extensão em turismo rural. Este curso consistiu em aulas teóricas e práticas, com a elaboração de um roteiro de turismo rural na região. Apesar de o curso ter sido aberto à comunidade, só os alunos da escola Francisco Lippi se inscreveram.

Após o curso foram realizadas 14 entrevistas com os agricultores rurais em 3 dias distintos, as entrevistas seguiam o mesmo roteiro de perguntas, dentre outras questões, o objetivo do mesmo era verificar o nível de instrução dos agricultores, seu histórico na zona rural, o que é produzido na propriedade, o interesse da família em ficar na propriedade, se sabia da importância do turismo e do turismo rural para a região, dentre outras questões de relevante importância na pesquisa. A escolha das propriedades foi aleatória, mas foram observados fatores como localização, nível de atratividade, rusticidade das propriedades e qual tipo de serviço poderiam oferecer ao turista.

4. TURISMO RURAL: UMA DISCUSSÃO

Iniciaremos este capítulo discutindo as principais diferenças entre rural e urbano e suas tendências atuais. Discutir acerca deste tema é algo polêmico e muito discutido pelos autores e estudiosos da área, afinal o que rural e urbano atualmente? Quais as delimitações no espaço geográfico? E a população da zona rural e urbana, o que eles dizem em relação a isso?

4.1. Rural e urbano: diferenças e tendências atuais

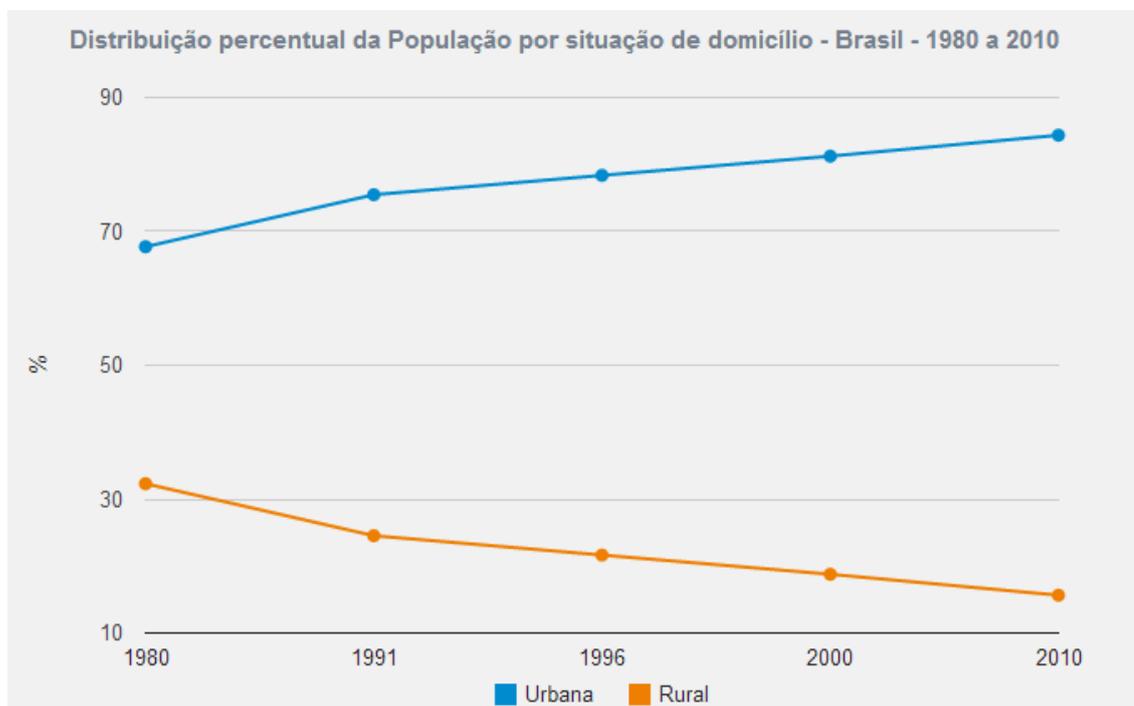
Afinal, o que é rural e urbano? É difícil limitar um espaço pelo que é observado ao redor ou pelas tradições e costumes da região, principalmente quando estas áreas não são precisas quanto as suas delimitações geográficas. Hoje em dia o que se observa na literatura é um verdadeiro emaranhado de conceitos que nos fazem refletir, concordar ou não.

Existem estudos e pesquisas acadêmicas voltadas para a questão da delimitação do espaço geográfico, porém a carência de atenção por parte de instituições pública e privadas acaba desestimulando as pesquisas. É necessário uma (re)valorização do campo e não apenas uma política que vise o desenvolvimento econômico, mas o social também.

O que se observa nos grandes centros urbanos e nas zonas rurais é o processo inverso que acontecia há 10, 20 anos atrás, antigamente o êxodo rural era nítido, muitas pessoas saíam do campo a procura de melhores condições de vida e de trabalho na cidade, hoje devido ao caos dos grandes centros urbanos como a alta urbanização, falta de escola e hospital está havendo uma desaceleração deste processo.

A migração entre municípios pequenos tem aumentado o movimento urbano-rural. Aproximadamente 15% da população residem em áreas rurais hoje, segundo dados do Censo do IBGE de 2010, contra 20% da do Censo de 2000, como mostra a figura abaixo:

Figura I- Crescimento percentual da população rural e urbana



Fonte: IBGE, 2010

Quando falamos de meio rural e urbano a diferenciação que nos remete é que o rural é ligado à natureza e as relações diretas que acontecem no campo, o urbano se caracteriza pela concentração populacional e de renda, porém estas não são as únicas características. As diferenças começam nas atividades exercidas, no campo o setor primário predomina com as atividades de agricultura, pecuária e extrativismo, na zona urbana os setores secundários e terciários são marcados pelas indústrias, construção civil, comércio e serviços. Porém não são tão limitados, podemos observar que na zona rural existem atividades ligadas ao setor secundário e terciário, de maneira distinta das zonas urbanas, como exemplo o pequeno comércio como mercearias e venda de produtos da região e as micro indústrias que estão cada vez mais buscando as zonas afastadas em busca de incentivos fiscais e fugindo da alta especulação imobiliária dos grandes centros urbanos, já nas cidades é quase impossível existir atividades primárias uma vez que já não há mais espaço para isso e outras atividades exercem um poder muito grande sobre estas regiões, principalmente prestadores de serviços e comércio.

Outra diferença é o meio em que estão inseridas, a zona rural é intimamente ligada a natureza, já os centros urbanos são vistos com carência de área para lazer, poluição e alta densidade demográfica (vale ressaltar que nem todo espaço urbano se caracteriza

desta maneira) que, aliás, é outro fator que o diferencia do campo, já que a população rural é consideravelmente menor que a urbana, como vimos na figura acima. Outra diferença é em relação às pessoas, no geral, a população do campo é mais idosa já que o êxodo rural contribui para que os mais jovens fossem para os grandes centros urbanos em busca de oportunidade, ocorrendo um esvaziamento da zona rural da população mais jovens, indo para a cidade em busca de oportunidades. Outra diferença é em relação há mobilidade social, é bem verdade que as pessoas que estão nas cidades possuem maior chance de crescimento do que aquelas que estão nas zonas rurais apesar deste quadro estar mudando, esta questão é histórica visto que antigamente a zona rural carecia de oportunidades e facilidades para se viver necessitando de deslocamentos para ir a mercados, hospitais e escolas, hoje a situação não é tão crítica, com exceção de alguns municípios do norte e nordeste do país.

Veiga, 2000 em seu artigo A Face Territorial do desenvolvimento expõe com clareza até que ponto vai à ruralidade de uma região destacando a expressão “desenvolvimento territorial” afirmando que está havendo uma revalorização da dimensão espacial da economia e não uma mera dicotomia de sentidos.

“O aumento da densidade demográfica nas zonas “cinzentas” que deixaram de ser propriamente rurais e que não chegam a ser propriamente urbanas não significa que esteja desaparecendo a contradição material e histórica entre o fenômeno urbano e o fenômeno rural [...]” (VEIGA, 2000, p. 1).

O espaço rural possui suas características e diferenciações que os torna único, a partir do momento que começam a surgir comércio, indústrias, residência de alto padrão que mudam o visual campesino da região e o dinamismo econômico outros interesses vão surgindo, o que é normal quando há o crescimento do espaço, porém é necessário cautela para que não haja a descaracterização destes espaços deixando de se tornar um atrativo podendo ser um mero produto.

O autor faz menção ao termo “desertificação rural” que é o oposto do que estaria acontecendo hoje nos países do mundo segundo seus estudos, o termo desertificação está intimamente ligado a decadência, esvaziamento e abandono, outro termo é o que está de fato acontecendo é o que ele chama de “renascimento rural”, segundo o autor o contexto de espaço rural está sendo redescoberto e revalorizado, o espaço está mudando de função, hoje ele serve de “abrigo” para grande maioria das populações das grandes cidades.

4.2.O fenômeno da pluriatividade

Este fenômeno é recente e surgiu com o intuito de gerar fontes alternativas de renda; no campo pode ser utilizado de maneira a desenvolver além das atividades cotidianas outros tipos de trabalho, no caso, o turismo rural, sem perder a essência e a atividade principal que no caso de Teresópolis seria a produção de hortaliças.

É verídico que o espaço rural tem passado por intensas mudanças. Essas transformações do meio rural já foi alvo de indagação de alguns autores no que diz respeito ao alcance dos benefícios das “pluriatividades” ligadas ao setor do turismo por parte dos produtores familiares.

Percebeu-se que este fenômeno surgiu da necessidade de estar no campo, resultado de anos de transformação da agricultura a fim de demonstrar o intenso processo de transformação que a agricultura tem passado nas últimas décadas, esta transformação chegou para contribuir de forma positiva para que os produtores rurais agreguem valor aos seus produtos, obtendo renda extra com seus produtos, mostrando para os turistas sua produção, artesanato e costumes locais, valorizando o trabalho da zona rural e contribuindo para a diminuição do êxodo rural.

Marafon (2006) é um dos pioneiros nos estudos relacionados à pluriatividade sempre destacando acerca da importância do modo de produção familiar dos agricultores além da conservação do espaço rural como forma de controle da biodiversidade local.

Na região estudada a pluriatividade existe, mas o turismo está longe de ser a segunda fonte de renda, por lá o trabalho realizado por meeiros e arrendatários para obtenção de renda extra é o trabalho em casas de família, pousadas e como caseiros.

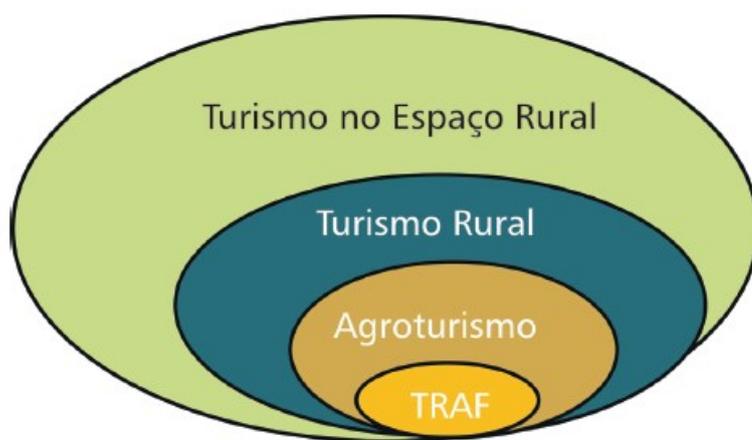
Anjos (2003) também definia pluriatividade de forma sintética:

“A pluriatividade remete a um” fenômeno no qual os componentes de uma unidade familiar executam diversas atividades com o objetivo de obter uma remuneração pelas mesmas, que tanto podem se desenvolver no interior como no exterior da própria exploração, através da venda da força de trabalho familiar, da prestação de serviços a outros agricultores ou de iniciativas centradas na própria exploração – industrialização em nível da propriedade, turismo rural, agroturismo, artesanato e diversificação produtiva –

que conjuntamente impliquem no aproveitamento de todas as potencialidades existentes na propriedade e/ ou em seu entorno” (ANJOS, 2003).

4.3.Principais diferenças: Turismo no espaço rural x Turismo rural x Agroturismo x Turismo rural na agricultura familiar

Figura II- Relação entre as modalidades de turismo rural



Fonte: Turismo Rural: Noções Básicas 2ª Edição MTur, Brasília 2010

O Turismo no espaço rural ou em áreas rurais é entendido como as mais diversas práticas turísticas que ocorrem no espaço rural, sejam elas esportivas, lazer e até mesmo negócios. Assim sendo é apenas uma delimitação geográfica dos espaços onde diversas formas de turismo podem ser praticadas ali.

O Ministério do Turismo classifica o turismo no espaço rural da seguinte maneira:

“Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Saúde, “Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não”. (MTUR, 2010)

Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural que visam à produção agropecuária. Existe uma série de particularidades que fazem a diferença neste segmento como a paisagem, o estilo de vida, a cultura local, os costumes e todas as atividades ligadas à prática rural.

O Turismo Rural se diferencia por proporcionar ao turista um atendimento personalizado, com menos pessoas, sem grandes impactos na natureza capaz de adaptar uma vivência maior no campo, as práticas da família não mudam com a chegada dos turistas, é apenas uma fonte extra de obter renda, eles demonstram nas práticas do dia a dia sua vivência e interagem como turistas fazendo com que participe por vontade própria. Os recursos naturais, as residências humildes e os locais de trabalho do produtor também são um atrativo. O entorno também precisa ser preservado, as áreas adjacentes precisam ter uma estética visual aplausível para que o turista tenha interesse em visitar o interior das propriedades.

O Vale do Café é um exemplo clássico de Turismo Rural. Localizado no estado do Rio de Janeiro a região é formada pelos municípios de Barra do Piraí, Conservatória, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paracambi, Paty do Alferes, Piraí, Rio das Flores, Valença e Vassouras. Possui as maiores evidências em termos históricos da formação do estado. Nos séculos XVIII, XIX e XX as grandes fazendas de café tomavam conta da região, iniciando o primeiro ciclo do café no Brasil. A fundação dessas cidades era para descanso dos fazendeiros e das pessoas que trabalhavam nas lavouras. A região se desenvolveu consideravelmente por ser passagem de deslocamento de Minas Gerais para Goiás e com a chegada das ferrovias o desenvolvimento se acirrou ainda mais.

Atualmente, o clima e a história dos casarões chamam a atenção de muitos turistas. Por conta disso muitas fazendas abriram as portas de suas propriedades para receber os turistas e mostrar o histórico da região e a vivência nas suas propriedades especialmente de gado leiteiro e de corte, algumas dessas cidades são especialidades em produção de verduras, como Paty dos Alfares que possui destaque com a produção do tomate e Miguel Pereira, com legumes e hortaliças orgânicas e outras cidades que produzem cachaça, cana de açúcar, bromélias, doces caseiros entre outras especialidades da região.

Porém o Vale se diferencia das demais propriedades porque não possui mais produção. Mesmo assim optaram por continuar mantendo vivas as tradições, a gastronomia, os costumes e principalmente a cultura, abrindo suas propriedades para os

turistas. A região possui agências especializadas em receptivo para essas propriedades; existem diversos roteiros que incluem restaurantes, pousadas, pontos turísticos e propriedades rurais.

A pesquisa “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil-2007 feita pelo MTur mostrou que apenas 2,2% dos entrevistados apontam o turismo rural como motivação da sua viagem e para ele a aproximação com ambientes naturais e com o meio rural é um forte indicador de boa experiência e uma maneira de sair da rotina. A pesquisa também aponta alguns dados importantes como: são moradores de grandes centros urbanos que possuem entre 20 e 55 anos, fazem viagem de curta duração aos finais de semanas num raio de até 150 km, valorizam produtos autênticos da região e os levam para casa, esse tipo de pesquisa é importante para que a determinação do perfil do turista assim facilita-se a comercialização e venda dos produtos.

Infelizmente são poucos os estudos nesta área em virtude da informalidade com que é realizada esta atividade. É necessário maior investimento na área de pesquisa para obter dados mais concretos acerca desta atividade no Brasil. O MTur não tem informações de quantos turistas as propriedades recebem, períodos de alta temporada ou baixa temporadas ou o perfil do turista.

“Em virtude da inexistência de uma definição mundialmente consolidada, bem como de um consenso quanto à totalidade de seus elementos constituintes, há dificuldade em investigar e obter dados sobre Turismo Rural” (LOTTICI KRAHL, MARA FLORA. 2003. p. 45).

Apesar da carência de informação o turismo rural tem sido destaque nos últimos anos; novos destinos, turistas, órgãos de pesquisa e planejamento estão tomando uma proporção e importância relevante e estão cada vez mais oferecendo uma oportunidade de diversificação da oferta e atração de novos turistas possibilitando crescimento significativo do número de destinos que oferecem produtos de turismo rural.

Agroturismo

É uma modalidade do Turismo Rural, é a atividade realizada dentro das propriedades rurais como o pesque pague, colhe e pague comercialização de produtos artesanais, passeios a cavalo, artesanato, dentre outros. A atividade merece destaque no estado de

Santa Catarina e Espírito Santo, de acordo com estudos realizados pelo Instituto Cepa/SC no ano de 2002 cerca de 550 propriedades aderiram ao turismo rural nos quase 300 municípios pesquisados, são atividades recentes, com menos de seis anos de atividade.

Para Graziano da Silva, agroturismo compreende:

Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas e que continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade; devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do **‘tempo livre’** das pequenas famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa. Grifo nosso (GRAZIANO DA SILVA et al., 1998)

Assim sendo podemos destacar algumas palavras chaves: ocupações complementares, agregação de serviços e tempo livre. Em primeiro lugar: ocupações complementares, não se devem interferir na produção agrícola da propriedade, que seria a atividade principal, o turismo deve ser uma fonte extra de renda podendo se tornar a principal com o tempo. Agregar serviço seria a capacidade que a propriedade possui de agregar mais valor aos seus produtos através de seus serviços, neste processo é importante que se tenha capital e investimento, seria no caso a implementação de outros serviços de maneira que satisfaça o turista e traga benefícios para os donos das propriedades à medida que gere renda, capital e mais empregos na região. Tempo livre é a forma pela qual deve ser praticado o agroturismo, o proprietário abre as portas de sua casa para receber os turistas e mostrar as atividades realizadas no dia a dia.

É importante ressaltar que para ser turista é necessário pernoitar, ou seja, a grande maioria das pessoas que praticam o turismo rural não são turistas e sim excursionistas conforme pesquisa realizada pela Cepa/SC.

Foi citado anteriormente Jericoacoara como referência em turismo de sol e praia, no Turismo Rural uma das referências é a cidade de Lajes, em Santa Catarina. As propriedades desapontaram como alternativa para superar a crise econômica que o setor agropecuário passava no início dos anos 80, as primeiras propriedades teriam surgido em 1986. A ideia foi encarada como oportunidade e hoje é considerado destino modelo. Em Lajes o agroturismo é desenvolvido nas pequenas propriedades e o turista interage com a família e os produtores rurais podendo vivenciar a preparação dos produtos artesanais, o plantio, a colheita e o manejo de animais, onde o turismo é uma forma de

complementação da renda, sem abandonar a produção agropecuária, senão haverá uma descaracterização dos produtos o que não é o objetivo da atividade, pelo contrário.

“Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do ‘tempo livre’ das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa.” (ALMEIDA, 2006)

Felipe Lima em seu estudo sobre o agroturismo em Santa Rosa de Lima descreve acerca do Projeto Acolhida na Colônia, o mesmo merece destaque e respeito no contexto do Turismo Rural. A iniciativa surgiu em 1998 para fortalecer a agricultura familiar. Agricultores e entidades apoiadoras se uniram com um objetivo em comum, fortalecer o turismo com uma gestão eficiente onde tudo é decidido em grupo e com consenso e autorização de todos, desde o preço de doces até as diárias das pousadas. O cicloturismo e o turismo pedagógico estão entre suas principais atividades. São cinco regiões totalizando 18 cidades, cada uma com suas peculiaridades e autenticidades que as tornam únicas. A região se tornou muito mais valorizada e a comunidade está satisfeita com as melhorias.

O agroturismo pode ser praticado pelos autóctones e turistas, os empresários que instalam hotéis fazendas a fim de aproveitar-se do crescimento do turismo na região não são considerados nesta segmentação de turismo.

Turismo rural na agricultura familiar

As transformações pelas quais tem passado, nas últimas décadas, o meio rural brasileiro contribuem para não considerá-lo como essencialmente agrícola. A identificação do rural com o agrícola perdeu o sentido quando muitas atividades tipicamente urbanas passaram a ser desenvolvidas no meio rural, geralmente em complemento às atividades agrícolas. (SILVA, 1999).

Esta frase de Silva (1999) nos faz pensar se o turismo pode ser algo realmente trabalhado no campo, como uma atividade urbana pode vir para o campo sem descaracterizar a região, é algo muito complexo e detalhado de ser falado, por isso que muitos autores usam deste tema em muitas discussões em seus livros. É algo possível, mas

é preciso muito cuidado para que a região não perca sua essência, que a população não descaracterize seu modo de vida nem sua produção.

Turismo rural na agricultura familiar é a atividade pela qual o principal envolvido é o agricultor e a unidade de produção mantendo as atividades econômicas típicas da região, compartilhando seu modo de vida com os turistas. No geral é exercido em áreas pequenas e os envolvidos são exclusivamente, a família. Este é o autêntico turismo rural, sua origem nos remete a esta atividade, receber e acolher o turista na sua propriedade, sem luxo nem sofisticação, apenas com o material que se tem, proporcionando a ele, uma vivência única no campo.

5. TURISMO RURAL NO BRASIL: TENDÊNCIAS ATUAIS E PERSPECTIVAS

5.1. Perfil da demanda

No turismo rural o que se torna atrativo para o turista é o conjunto de componentes que juntos mudam a paisagem e a visão do turista sobre determinado local. As tradições locais, o jeito campesino do agricultor, sua cultura, o seu jeito de lidar com os produtos da terra, seu histórico e suas práticas sociais são os principais fatores de atratividade para o meio rural.

Como afirma Krahl (2003) existem diferenças quanto à escala, localização e atividades agropecuárias que desempenham um papel fundamental na segmentação do turismo. Segundo a autora é necessário que conheçamos estas diferenças a fim de segmentar e diferenciar os turistas que praticam o turismo rural e o turismo no espaço rural. Além disso, é importante dizer que o entorno para a autora é importante, pois também é um espaço de vivência entre o agricultor e o turista.

De acordo com Krahl, “é justamente essa uma das razões pela qual esse segmento turístico beneficia a comunidade na qual se insere na forma de passeios a atrativos naturais e artificiais nas redondezas, na utilização de equipamentos e serviços.” (KRAHL, 2003).

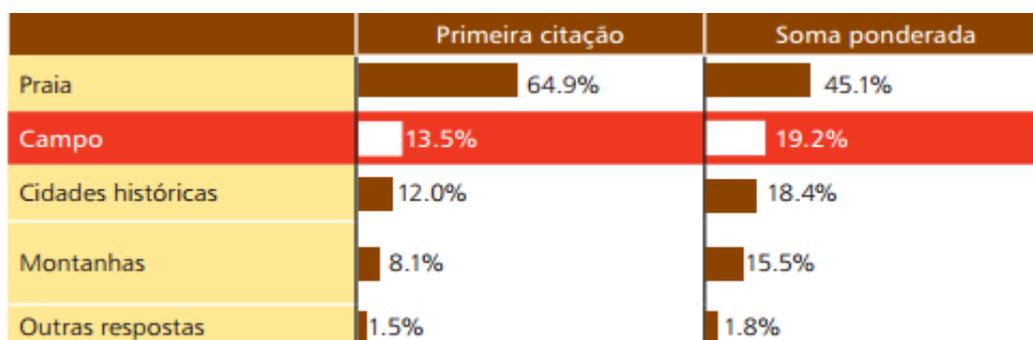
Atualmente existe um problema crônico que talvez inviabilize a melhoria de serviços e investimentos públicos que é a falta de informação e dados estatísticos o suficiente a respeito da demanda por turismo rural no Brasil. Poucas propriedades possuem registros

sobre o turismo rural, carecendo de dados sobre a quantidade de turistas, período de visitação e tempo de permanência na propriedade e perfil do turista. Possivelmente a informalidade com que é tratado este segmento seria um dos motivos pela qual não seja realizado um registro nas propriedades. Além disso, Krahl (2003) diz que “Em virtude da inexistência de uma definição mundialmente consolidada, bem como de um consenso quanto à totalidade de seus elementos constituintes, há dificuldade em investigar e obter dados sobre Turismo Rural”.

A pesquisa Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil do Ministério do Turismo realizada em 2007 dispõe de alguns dados importantes para análise, houve um aumento considerável do número de turistas que veem no turismo rural uma motivação para suas viagens. No ano referido 2,2% dos turistas viram no turismo rural uma motivação para suas viagens. A mesma pesquisa apontou que não existe uma classe social predominante na prática da atividade e que é realizada por turistas de diferentes classes sociais.

A figura 3 mostra os lugares preferidos dos turistas para visitação. O campo aparece em segundo lugar, apenas atrás de praias. O turismo de sol e praia além de ser mundialmente conhecido no Brasil ainda movimenta a economia consideravelmente, é da cultura brasileira, além de outros fatores como o clima e barateamento de pacotes de viagens que fazem deste segmento ser preferencia nacional disparada como mostra a Figura 3.

Figura 3- Lugares preferidos do turista brasileiro.



Fonte: TURISMO, Ministério do. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação-Geral de Segmentação. **Turismo Rural: Orientações Básicas**. 2ª Edição. Brasília, 2010

Fazendo análise da figura podemos constatar que apesar de a praia estar em primeiro lugar, o fato de que 13,5% citaram o campo como uma das preferências é número bastante significativo. Segundo dados no Ministério do Turismo, em 2011, 58,9 milhões de pessoas viajaram dentro do Brasil, ou seja, quase oito milhões de brasileiros escolheram o campo como destino turístico, é um número significativo em termos de pesquisa e levantamento de dados, é notável o crescimento do turismo, o acesso ao crédito e financiamento ajudou à população de classe baixa á alta a viajar mais, as motivações são as mais variáveis, mas um problema ainda enfrentado é sazonalidade que seria a alta procura nos meses de férias escolares e a queda brusca nas demais épocas do ano, fazendo com que os preços aumentem absurdamente nestas épocas.

O campo fica em segundo lugar como opção de viagens domésticas, é uma colocação importante considerando que a maioria dos brasileiros continue indo para as praias influenciadas pela lei da oferta e da procura e pelo barateamento dos preços, assim sendo acabam escolhendo o turismo de sol e praia como primeira opção. O campo possui suas particularidades, mesmo com a escolha de ir à praia eles também gostariam de visitar a zona rural, o lazer é sempre o principal objetivo.

Conhecer o perfil do turista é essencial para atendermos as suas expectativas podendo tornar mais eficiente às ações de promoção e comercialização do destino. O turista que frequenta regiões rurais busca na paisagem um indicador que está fora do aglomerado e caos da sua cidade; a ruralidade e suas características e a aproximação com ambientes essencialmente naturais são fatores que agregam valor e fazem o destino se tornar competitivo.

Outro fator importante em se fazer pesquisa para estabelecer o perfil do turista é para fins de planejamento tanto público quanto privado, as propriedades poderiam se organizar e elaborar um questionário simples e rápido para que os turistas respondam, no mesmo podiam ser incluídas perguntas como: que atividade gostam de fazer durante a experiência, quais os destinos preferidos, qual meio de transporte utilizaram, quanto tempo médio dura a viagem, qual o poder aquisitivo, se viajam por agência ou particular, se vão acompanhados ou sozinhos.

Se houvesse um modelo de pesquisa como foi mencionado acima em todos os destinos que possuem potencialidade para o turismo rural seria muito mais fácil direcionar os investimentos, orientar os agricultores em como se portar perante o turista, como e onde

investir e utilizar essas informações de maneira a desenvolver o turismo rural na região trazendo benefícios e lucro interferindo o mínimo possível no modo de vida do agricultor e na paisagem local.

De acordo com a pesquisa Estudo de demanda para o turismo rural gaúcho (2009) aproximadamente 55% das visitas em propriedades rurais são feitas por mulheres, é uma diferença pequena e nos mostra que homens também possuem interesse em produtos caseiros, assim como nos passeios, um dia ao ar livre, atividades recreativas ou uma hospedagem tranquila. Outro dado importante da pesquisa é que cerca de 35% dos turistas possuem idade entre 41 a 60 anos. É um público mais vivido e experiente e que sabe sobre a necessidade de sair da rotina estressante para ficar por um tempo longe.

É necessário então que as campanhas de divulgação sejam orientadas para este público, no seu local de vivência, até porque pessoas nesta faixa etária são geralmente famílias, que levam consigo seus filhos, sogras, amigos, assim cada um tem uma necessidade na viagem, uma motivação, gerando lucro maior para os que vivem dessa atividade, não só para orientar as campanhas, mas também para orientar os proprietários rurais a respeito de como se preparar para receber essas pessoas, afinal elas têm interesses diferentes de outros perfis, como os jovens.

Como mostra a Figura 4, o público de 21 a 30 anos também é alvo para comercialização do destino.

Figura 4: Faixa Etária média que visitam propriedades rurais:

Faixa etária	RS (%)	SP (%)	Total (%)
De 16 a 20 anos	7,6	10,0	8,4
De 21 a 30 anos	20,7	22,5	21,3
De 31 a 40 anos	28,3	21,3	25,8
De 41 a 60 anos	35,2	37,5	36,0
Acima de 60 anos	8,3	8,8	8,4
Total	100	100	100

Fonte: MTUR/IBM, 2010.

A pesquisa também revelou outros dados importantes: a média salarial dos turistas é entre R\$1500 a R\$3000, ou seja, não é alta comparada a outros segmentos, mas o importante a ser destacado aqui é que o turismo rural é acessível. Isso significa que as

peças da classe média e baixa conseguem viajar para esses destinos, pois não é necessário ter muito dinheiro para viajar, até porque o turismo rural nos lembra algo rústico em um ambiente natural e acolhedor e para isso não são necessários grandes investimentos.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi feita no Rio Grande do Sul e colheram dados desta cidade e de São Paulo por motivos que não conseguimos identificar. Consideramos importante esta pesquisa, pois nos oferece um panorama interessante acerca da motivação, faixa etária dentre outros pontos.

O principal motivo da viagem ainda é o lazer, seguido de negócios e eventos, ou seja, é um segmento que vai crescer consideravelmente já que pessoas ligadas ao setor estão visitando com frequência a região, como mostra a Figura 5:

Principal motivo da viagem	RS (%)	SP (%)	Total (%)
Visita a amigos e parentes	8,3	7,4	8,0
Lazer	57,9	50,6	55,3
Negócio e eventos	31,0	28,4	30,1
Estudos e pesquisas	1,4	12,3	5,3
Outro	1,4	1,2	1,3
Total	100	100	100

Fonte: MTUR/IBM, 2010.

O espaço rural tem recebido muitos turistas nos últimos anos, os dados no Ministério do Turismo confirmam esta hipótese, assim como as figuras acima. Mas um dado citado na figura 5 merece destaque, quase 50% das pessoas que frequentam a zona rural não estão ali apenas para lazer ou vivenciar o estilo de vida, este é o principal objetivo, mas não o único. Os dados comprovam como o fenômeno da pluriatividade está presente de forma marcante no campo, um exemplo nítido é o percentual de pessoas que vão a zona rural para negócios e eventos.

Hoje a zona rural é considerada um atrativo nas grandes cidades. As festas agropecuárias que acontecem durante o ano em várias cidades do interior atraem multidões de pessoas que vão em busca de lazer conhecendo a região, assistindo aos shows e experimentando a culinária regional, além de movimentar a economia o turismo

de negócios na zona rural atrai outro perfil de visitante, ou seja, este turista que foi na região para fazer negócios e pode voltar um dia para viver outro tipo de experiência.

Outra pesquisa interessante, que nos revela o perfil do turista rural é do Ministério do Turismo, Hábitos de Consumo do Turismo Brasileiro, realizada em 2009. Segundo a pesquisa a maior demanda está nos centros urbanos. Os moradores dessa região são os principais consumidores do turismo rural. São casais com filhos que possuem ensino médio ou superior completo, deslocam-se geralmente de carro num raio de até 150 km de sua cidade de origem em finais de semana ou feriados, ou seja, é um público assíduo, que não vai apenas uma vez, mais diversas vezes ao ano, apreciam a culinária regional e o modo de vida; os parentes e amigos são suas fontes de informações.

Considerando estas informações podemos constatar que para fins de planejamento é importante atentar para a boa manutenção das vias de acesso e sua sinalização, outra questão importante, mas não é regra, os visitantes têm alta escolaridade, ou seja, são bem informados sobre o seu local de destino, a mesma pesquisa mostrou que eles exigem o mínimo de conforto, querem internet e televisão, ou seja, não querem ficar totalmente desligados, até porque vão quase sempre em família, e no mundo atual isso também é uma exigência dos filhos, isso é um grande desafio para os agricultores, como levar tecnologia a uma região que as vezes não pega sinal de telefone móvel como é o caso da região estudada. É um questionamento que merece atenção, estariam os agricultores dispostos a mudar seu modo de vida para oferecer maior conforto ao turista? Ou, como prepara-los para esta mudança? Seria necessária uma pesquisa voltada para este assunto, universidades, órgãos públicos e privados possuem um papel importante neste sentido.

Antes de todas essas indagações, o agricultor precisa se conscientizar que as famílias precisam ter o dia com a mente ocupada, fazendo atividades, eles precisam garantir que essas famílias conheçam suas propriedades e tenham atividades para fazer durante a sua estada antes de pensar em tecnologia.

Uma das características mais interessantes é que este público valoriza a cultura, os produtos e artesanato da região, não são meras figuras do turismo, são participantes do dia a dia do meio rural e ajudam consumindo e participando toda vez que retornam a região. Esta pesquisa não é aplicável em todos os casos, existem turistas que viajam por dias e permanece por muito tempo na zona rural, cada região do Brasil é determinada por um tipo de turista, assim sendo cada um com suas expectativas e anseios diferentes, com isso

são necessários estudos em cada região a fim de entender o perfil de cada turista. Este perfil sofre modificações, com o passar dos anos as exigências são outras, além de conhecer a cultura e tradições hoje eles querem ir além, a diferença no modo de falar, de se vestir, as questões culturais e principalmente a gastronomia são pontos fortes e considerados atrativos para eles. Com tantas exigências tendo que enfrentar destinos já consolidados o turismo rural ainda é um desafio.

Há uma preocupação em atender as expectativas de uma demanda cada vez mais exigente, mais isso é apenas um dos muitos obstáculos, infelizmente a pequena interação entre as propriedades rurais ainda é um problema. Sem diálogo, muitas propriedades que estão iniciando suas atividades no turismo rural acabam falindo, pois não possuem infraestrutura para concorrer com as fazendas. Em entrevista, Gelson do Bairro de Venda Nova relatou: “os grandes proprietários vão sair ganhando e os pequenos não, a ganância pelo lucro geraria conflitos”.

Em contrapartida os investimentos realizados nas propriedades possuem um efeito multiplicador fazendo com que a região se torne um importante instrumento de desenvolvimento regional e até nacional como diz Ruiz Áviles, a exemplo temos o projeto Acolhida na Colônia, em Santa Catarina.

Segundo Joaquim Anécio (2000) o turista que escolhe regiões rurais como destino é aventureiro, está em busca do novo, do autêntico, do diferente, mas também não abre mão do seu conforto e segurança, esta questão é importante, pois houve tantos investimentos que algumas propriedades ficaram semelhantes a resorts hoteleiros, até que ponto isso é rural? Um questionamento de muitos autores e que é verídico, para ser rural é necessário que algumas características estejam presentes, como as características locais, a ruralidade, o campesinato, a gastronomia típica da região. É necessário cuidado, pois ao atender as exigências acabam se perdendo as características fundamentais, afastando o público principal.

5.2. Perspectivas futuras

É notável que o turismo rural provoca transformações tanto na sociedade como na região em que está inserido principalmente quando se diz respeito as intervenções humanas e mudanças quanto o uso do solo. Todavia, quando este desenvolvimento perde o controle causa muitos impactos negativos, para evitar ou diminuir isso a participação da

sociedade na limitação dos espaços a serem explorados é fundamental, assim como sua participação em todo o processo de crescimento do turismo rural na região.

Segundo Solla (2002) o turismo rural é um fomentador do desenvolvimento local, além de ter o patrimônio natural, cultural ou humano como seu grande atrativo, ainda permite a geração de renda e ao turista a participação nas atividades do campo como a colheita de hortaliças e verduras, degustação de comidas e bebidas típicas, eventos nas propriedades rurais como feiras de artesanatos. Por outro lado o turismo rural provoca muitos problemas que vão desde obstáculos na mobilidade até degradação ambiental, infelizmente não se podemos prever até que pode vai o crescimento deste tipo de turismo em determinado local, mas é fato que a exclusão de algumas regiões e o aumento da demanda por serviços públicos podem expulsar os moradores, ocasionando o aumento do custo de vida e o êxodo rural.

É fundamental que se criem políticas públicas para ordenar a atividade no meio rural afim de não descaracteriza-lo, as decisões e ações devem atender a todos os envolvidos principalmente os autóctones, através de medidas como:

- Melhorar na infraestrutura para a população e para o turismo;
- Estruturar e promover a gestão da região;
- Cooperação entre os agricultores para que todos ganhem sem tornar a região competitiva, mas agregando valor aos produtos;
- Capacitar os agricultores e os que serão beneficiados indiretamente com a atividade através de cursos e palestras melhorando assim a qualidade dos serviços com o apoio da economia local.

Ao atender as exigências do turista é preciso ter cuidado para que não perca a autenticidade do local, serviços de hospedagem, restaurantes e artesanato devem permanecer como são apenas melhorando o aspecto visual, a rusticidade, o atendimento familiar e as tradições são atrativos muito importantes do turismo rural. A inclusão da população rural através de oportunidades no campo é uma maneira de evitar o êxodo rural, oferecendo oportunidades e os incluindo ativamente no processo de crescimento do espaço á medida que isso lhes traz benefícios diretos como a complementação de renda, redução da pobreza e melhores condições de educação.

Sob o aspecto ambiental, alguns pontos importantes devem ser considerados: o estudo de capacidade de carga do local, viabilizando o percentual de pessoas que podem ir até a região sem causar danos físicos ou prejuízo ao meio ambiente, hoje em dia existe uma preocupação em relação ao desmatamento e uso desordenado do solo, isso acarreta danos irreversíveis ao meio ambiente.

É preciso que haja em primeiro lugar, consciência, as entidades públicas e privadas junto com os agricultores devem se unir a fim de fazer pela região e população o necessário para que o crescimento seja satisfatório interferindo o mínimo possível na paisagem e no modo de vida das pessoas.

6. TURISMO RURAL EM TERESÓPOLIS: DESAFIOS PARA SEU DESENVOLVIMENTO NO BAIRRO DO IMBIÚ E ADJACÊNCIAS

6.1. Histórico

Teresópolis está localizada no Estado do Rio de Janeiro, na Serra Verde Imperial segundo classificação da TURISRIO (classificação em regiões turísticas) e na Área Turística da Serra de Turismo Consolidado segundo dados do IBGE- 2009. Possui uma população de 163.746 mil habitantes e uma área de 770.601 km², segundo dados do censo de 2010.

O pequeno vilarejo ficou conhecido depois que o inglês George March adquiriu uma sesmaria de quatro léguas quadradas na Serra dos Órgãos nos anos 1821. Em 1845 George March faleceu e aí se iniciou a efetiva ocupação da cidade quando houve a divisão da sua propriedade entre seus herdeiros que dividiram em sítios e lotes menores. A construção da atual estrada Rio- Teresópolis havia sido tentada em 1872, mas sem sucesso, uma vez que se tornou obsoleta devido às boas rodovias que foram construídas na região. Sua construção era um desejo do governo do Estado do Rio de Janeiro para que fosse transferida a capital do estado para a região, o que não ocorreu e novamente a propriedade foi desmembrada. Em 1855 o distrito recebeu a denominação de Santo Antônio do Paquequer. Nesta época Teresópolis pertencia ao município de Magé. A criação do município efetivou-se a 6 de julho de 1891 (IBGE, 2013)

Os bairros de Venda Nova, Imbiu e Vargem Grande, que são os principais objetos de estudo, estão localizados no Vale do Bonsucesso que é o terceiro distrito e fica na zona rural de Teresópolis, como mostra a figura 6 e 7. Na figura 6, é marcante a quantidade de

terras que produzem hortaliças, e já existe grande parte de área desmatada, provavelmente que será usada para os mesmos fins. É importante ressaltar que a região sofreu sérias consequências com as chuvas de 2011 e hoje tenta se reestruturar.

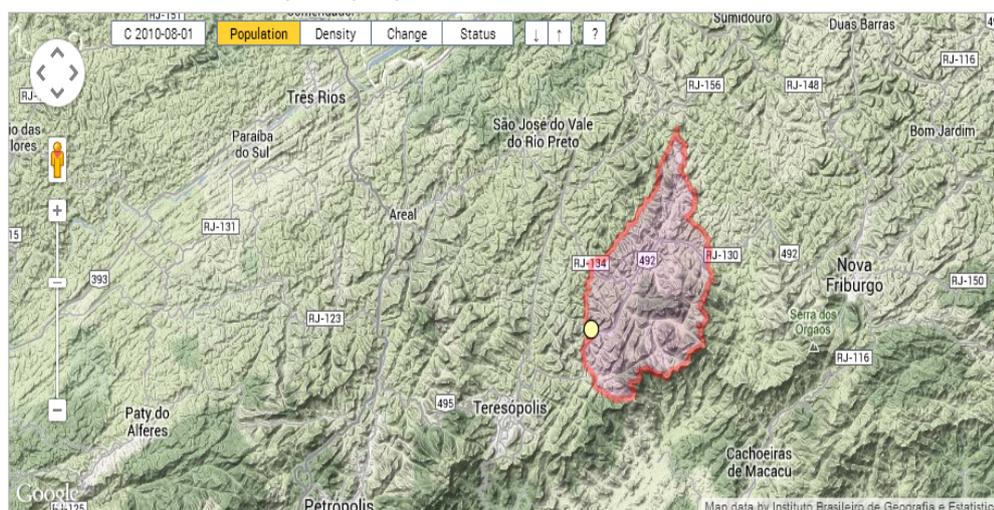
Figura 6: Vale do Bonsucesso



Fonte: Google Maps

Figura 7: Localização e proporção do Vale do Bonsucesso

Vale de Bonsucesso (Teresópolis)



Fonte: Google Maps

6.2. Características gerais

Há cerca de 100 km da capital do estado do Rio de Janeiro, a Região Serrana se destaca pela produção significativa de legumes, verduras e hortaliças. As paisagens únicas

formadas pelo conjunto de montanhas do Parque Nacional da Serra dos Órgãos e do Parque Estadual dos Três Picos, a cultura e o clima, estão fazendo desta região um destaque no turismo do Estado.

O município vem tentando se consolidar no desenvolvimento do turismo. Dados do último Censo Agropecuário comprovam que Teresópolis possui 2.833 estabelecimentos agropecuários e um total de 7.311 pessoas ocupadas na atividade agropecuária (IBGE, 2006). Com isso, pode-se afirmar que o município possui atividades agrícolas de estrutura familiar significativa uma vez que muitas famílias sobrevivem da agricultura, cultivam hortaliças no geral e retiram seu sustento desta atividade. Em entrevista o agricultor Sirley disse: “Não dá pra ficar rico, só se você for dono, mas dá pra sobreviver”. O turismo rural, portanto, pode ser uma forma de garantir uma qualidade de vida melhor para estes agricultores sem afetar sua produção gerando renda extra e contato direto com outras pessoas.

No eixo Teresópolis-Friburgo, estrada que liga os dois municípios, existem diversas propriedades com potencial para o turismo rural. Foi observada uma beleza cênica única com montanhas, cachoeiras e as próprias plantações que também são um atrativo, um povo acolhedor, propriedades bem cuidadas com uma grande variedade de hortaliças, montanhas, pequenos riachos, além de alguns haras onde se pode andar a cavalo pela região. Além disso, nas redondezas existem restaurantes que estão entre os melhores pelo Guia 4 Rodas, hotéis e pousadas que vão desde a simplicidade até a sofisticação.



Figura 8: mudas de hortaliças, Imbiu.

Desde o surgimento dos primeiros povoamentos, Teresópolis se mostrou com potencial agrícola. A fazenda modelo implantada por George March produzia hortaliças que abasteciam a cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, ainda na década de 1920, o Comendador Coxito Granado adquiriu vastas terras na área da Várzea, um bairro onde hoje fica o centro comercial e de prestação de serviços da cidade, e lá instalou sua fazenda para produção de ervas medicinais que abasteciam a Farmácia Granado (MIRANDA, 2006, p. 9).

Hoje, Teresópolis é o maior produtor de hortigranjeiros do estado do Rio de Janeiro, sendo essa a sua principal atividade econômica. A produção de hortigranjeiros ocorre, em mais de 90% dos casos, em pequenas propriedades com menos de dez hectares (CIDE, 2006, *online*). Segundo dados do CIDE (2006, *online*), referentes ao ano de 2002, a produção de hortigranjeiros é responsável por cerca de 13,2% do PIB do Município. Esses dados apenas nos demonstram na teoria o que se vê na prática; basta sair do centro de Teresópolis que já se avista vastas plantações de hortaliças que abastecem Teresópolis e Rio de Janeiro.



Figura 9: Hortaliças e gado, ao fundo. Imbiu.

Na rodovia RJ 130, também denominada Dr. Rogério de Moura Estevão, no trecho de Teresópolis, e Antônio Mário de Azevedo, no trecho friburguense, mais conhecida como Terê-Fri, existem diversas propriedades com potencial para o turismo rural. Pode-se perceber uma beleza cênica única, um povo acolhedor, propriedades bem cuidadas, com uma grande variedade de hortaliças, montanhas, pequenos riachos, além de alguns haras onde se pode andar a cavalo pela região. Como foi dito pelo Senhor Jair em entrevista: “Atrativo é tudo que tem nas redondezas.”

Criado no início da década de 1990, o circuito Teresópolis-Friburgo era para ser um circuito integrado com marcas e produtos com características da região. Cerca de 70 km separam as duas cidades e entre elas foi criada uma associação de empresários de restaurantes, hotéis e atrativos turísticos. Infelizmente esse modelo se mostrou excludente uma vez que apenas os locais já estabelecidos estão nos folders de divulgação e propagandas. Outro ponto desfavorável é que com o passar dos anos o circuito foi se tornando cada vez menos divulgado e atualmente pode-se constatar que muitos pontos turísticos estão completamente abandonados. A agricultora Rosemeri deposita no turismo suas expectativas de melhorias para a região afirmando que “... se o turismo viesse com mais força a prefeitura traria melhoras pra população local, arrumaria as ruas esburacadas, limparia as ruas sujas e melhoraria os lugares de visitação”.

Foi constatado que o turismo rural na região é diferente das demais propostas que foram estudadas até hoje, foi constatado que ele existe, mas está “oculto” entre a população local, muitas delas sabem o que é, convivem diariamente com os turistas, mas não sabem tirar proveito disso, o que existe é a falta de informação. Fazer com que os agricultores interajam com o turista e amplie seus conhecimentos e sua renda através do turismo rural é tarefa difícil, uma vez que não depende apenas dele, principalmente quando se fala em adaptar determinada propriedade para estes fins.

Os processos burocráticos como abrir firma, contato com o governo local e legislação são pontos complexos e muitos agricultores não possuem o conhecimento necessário para resolver estas questões, assim sendo, acaba-se criando empecilhos que dificultam a implementação da atividade, como mostra na pesquisa feita por Guzzati, 2002: “Dificuldades relacionadas à legislação aparecem em 13,3% das respostas sobre os problemas sentidos” (Toresan, Mattei, Guzzati, 2002).

Outro ponto que faz com que o segmento não tenha uma margem de crescimento considerável é o fato de o agricultor muitas vezes não ter investimento inicial para começar a inserção da atividade na sua propriedade. A falta de incentivo das prefeituras e a falta de informação também é outro ponto importante a ser considerado neste contexto.

O turista que frequenta propriedades rurais está à procura de novas perspectivas, novas motivações, e no mundo em que vivemos agradar a todos é tarefa cada vez mais difícil, por isso é preciso se diferenciar dos outros serviços oferecidos no setor turístico.

É necessário que haja muita cautela e controle do crescimento desta atividade para que não se torne um caso de turismo de massa, onde os pontos negativos são maléficos e irreversíveis a população local. O turismo rural também pode ser visto como uma maneira de “fixar” os jovens e as futuras gerações no campo, fazendo com que surja nele o interesse próprio em permanecer na zona rural, variando as atividades realizadas, gerando renda e novos empregos. O que foi observado nas entrevistas é que muitos jovens estão saindo do campo à procura de novas oportunidades, as próprias famílias os incentivam a sair dizendo que é uma profissão ingrata, sem benefícios e muito cansativa. Em depoimento a agricultora Rosemeri do bairro Imbiu nos diz:

“[...] Não incentivo meus filhos a ficar na roça, é uma vida sacrificante. Quem tá pode permanecer, mas os filhos da gente não ficam. É um trabalho muito digno, mas impõem muitos sacrifícios, embaixo de sol ou de chuva, tem que trabalhar [...]”.

Um dos grandes problemas do turismo atualmente é a forma desenfreada como ele vem se desenvolvendo. Devem-se buscar formas qualitativas e não apenas quantitativas, sendo preciso observar principalmente os interesses da sociedade, da comunidade local, a conservação da natureza e o bem-estar dos visitantes.

Um fato interessante e que merece destaque é como as atividades agrícolas são sazonais devido ao tempo e uso do solo. O turismo poderia vir como meio de trabalho/renda extra com o objetivo do agricultor não ficar sem trabalho nestes dias. A incorporação de tecnologias de produção, e a liberação de membros da família para exercerem outras atividades, agrícolas e não-agrícolas, também merece relevância neste novo processo na região, pois são eles os principais instrumentos de comunicação.

7. RESULTADOS

Houve-se a necessidade de dividir esta parte do trabalho em tópicos, pois foram os itens mais mencionados durante as entrevistas. Foram muitas opiniões diferentes, mas quase todos os entrevistados, mesmo não se conhecendo, abordaram questões relevantes e que merecem destaque. Abaixo, alguns desafios relatados por proprietários rurais que sintetizam a pesquisa de acordo com a opinião deles.

7.1. Êxodo Rural

O êxodo rural é o processo pela qual o indivíduo deixa a zona rural a procura de (melhores) oportunidades na cidade. Este processo é antigo, vem se intensificando nos últimos anos e de acordo com as observações feitas está se invertendo, é o que chamamos de êxodo urbano. Tal fato vem ocorrendo por conta da ocupação irregular nas grandes cidades, trânsito caótico, especulação imobiliária, violência e diversos outros fatores. As pessoas de classe média a alta estão à procura de sossego, tranquilidade e paz, por conta disso as pequenas cidades que estão localizadas em um raio de 100 km das grandes estão se desenvolvendo consideravelmente enquanto os grandes centros urbanos crescem a olhos vistos.

O êxodo rural na região estudada é um fato marcante hoje. De acordo com as revisões bibliográficas realizadas e os trabalhos de campo nos bairros de Venda Nova, Vargem Grande e Imbiu pode-se dizer que as pessoas que permaneceram na agricultura são na sua grande maioria idosos ou cidadãos acima dos quarenta anos. Outro fator é por conta do gostar do que faz; em depoimento, um agricultor que apresentava ter uns trinta e cinco anos dizia: “Quem tá aqui, permanece; quem não começou a trabalhar por ser jovem, aqui não fica mais. Isso aqui é vocação, é amor, tem que gostar mesmo”.

O êxodo rural é considerado mais um desafio para o desenvolvimento do turismo rural na região. Muitos moradores estão migrando para outros locais, pois a descaracterização do rural em muitos locais está nítida e visível com a vinda de indústrias, mecanização da agricultura e moradores das grandes cidades que estão á procura do campo “fugindo” do caos urbano, porém foi observado nas pesquisas que estas pessoas não vão para o campo para trabalhar no campo, vão para trabalhar na cidade de Teresópolis, Friburgo e até mesmo na capital. A saída destas pessoas está causando a decadência das atividades na lavoura, da produção de orgânicos, criação de animais e artesanato perdendo a essência e autenticidade na região.

7.2. Falta de interesse dos proprietários

Na região estudada observamos um fator importante, as terras pertencem a terceiros. Duas formas de comercialização da terra são feitas nas áreas estudadas: meeiros, são aqueles agricultores que utilizam da terra, não pagam aluguel, mas dividem o lucro da produção com o proprietário, e os arrendatários, que são os agricultores que pagam por um aluguel da terra, mas o lucro da produção permanece todo com ele.

Em ambos os casos, o proprietário não tem relevante interesse em adaptar sua propriedade para o turismo dado que o mesmo não depende da terra para sobreviver. Os proprietários moram na região, no Rio de Janeiro, e até mesmo em outros estados, mas no geral moram no entorno das lavouras.

De acordo com os relatos dos proprietários, pode-se afirmar que a falta de interesse é por conta de uma série de fatores: ganha o suficiente com a produção de hortaliças, não depende economicamente da lavoura, tradição da região não é rural (segundo eles), falta de informação e de pessoal capacitado, infraestrutura precária, divulgação por parte dos órgãos públicos é ineficiente, é uma questão documental burocrática, que exige tempo e investimento e seria necessária uma legislação adequada.

7.3. Turismo na região

De acordo com os estudos realizados pode-se dizer que o turismo rural na região é mínimo, infelizmente a população local que trabalha com esta atividade está no ramo a fim de suprir os serviços de base, como camareira, garçom ou auxiliar de serviços gerais. Diversos fatores fazem com que este fato se torne verídico, tais como: potencial predominantemente agrícola, falta de infraestrutura (hotéis, restaurantes, lazer) no entorno e nos bairros pesquisados, falta de investimentos e interesse dos órgãos públicos e privados.

Mas o que ficou dos estudos foi o famoso ditado popular: “Eles estão com a faca e queijo na mão”. O lugar é lindo, atrativo, tem potencial, cercado de verde, matas, rios, cachoeiras o que falta é representatividade pública e iniciativa de empresários e do governo, pois com os agricultores sozinhos tudo ficará mais difícil.

7.4. Turismo Rural na região

De acordo com os trabalhos de campo realizados foi observado que existe na região o turismo no espaço rural, ou seja, acontecem ali diversas formas de turismo numa zona que é considerada rural. Para que fosse considerado turismo rural os donos

das terras deveriam em primeiro lugar possuir interesse, o que não ocorre, em segundo, quem produz não são os donos. A agricultora Rosemeri do Imbiu nos relatou o seguinte:

[...] O patrão não gostaria de receber turista, e não gosta de gente andando na lavoura”[...]. Se a propriedade fosse dela ela aceitaria receber os turistas.

Estas pessoas não possuem a mínima condição de adaptar ou investir nestas propriedades para o turismo rural, eles ficam dependentes dos atravessadores que pagam um valor muito baixo pelas suas mercadorias, isso faz com que muitos desistam da vida na zona rural procurando nas cidades próximas outras formas de sobrevivência.

Segundo Sirley, morador e agricultor do bairro de Vargem Grande: [...]”Daqui há alguns anos a agricultura vai acabar, são 4 ou 5 cinco sítios aí pra frente que ainda tem agricultura, os terrenos foram vendidos e construídos favelas e grandes condomínios, hoje tem poucas plantações, o pessoal do rio e da região estão acabando com a agricultura”[...]

7.5. Fim da agricultura e início das indústrias

O processo de industrialização na região é notável, pode-se citar como exemplo: fábrica de sorvete e água mineral. A falta de interesse em continuar na região acontece por motivos diversos tais como: condições precárias de trabalho, remuneração baixa, alto preço dos insumos, elevação do preço dos terrenos devido à especulação imobiliária e diversos outros fatores fazem com que a produção de hortaliças decaia cada vez mais aumentando o êxodo rural, dando espaço para as indústrias que veem na região preço atrativos de terrenos (muito mais barato que nos centros urbanos), oferta de mão de obra barata e isenção de alguns impostos.

A vinda das indústrias faz com que o pouco incentivo que havia para continuar na zona rural diminua uma vez que quem reside em uma zona rural está a procura de sossego e tranquilidade, muitas pessoas acabam se mudando e outras permanecem e acabam migrando para as indústrias pois veem nas mesmas mais oportunidades e melhores condições de trabalho como jornada de oito horas diárias, leis trabalhistas e direitos, coisa que no campo infelizmente não existe, o fenômeno da pluriatividade estaria presente neste caso se o trabalho na indústria viesse para complementar a renda, o que não ocorre como

foi constatado nas entrevistas, os agricultores saem da agricultura e vão trabalhar nas indústrias, abandonando completamente a atividade rural.

7.6. Adensamento urbano descontrolado

Este processo se torna visível ao adentrarmos bairros adentro. A Terê-Fri por si só é linda, quase não se vê favelas ou lugares que poderiam tirar a atenção do turista ou o interesse em visitar a região. Porém nos bairros como Imbiu e Venda Nova este processo vem ocorrendo há alguns anos, o que antes era mata, hoje são casas inacabadas (foto), rios estão virando valas, as estradas de acesso estão em péssimas condições.

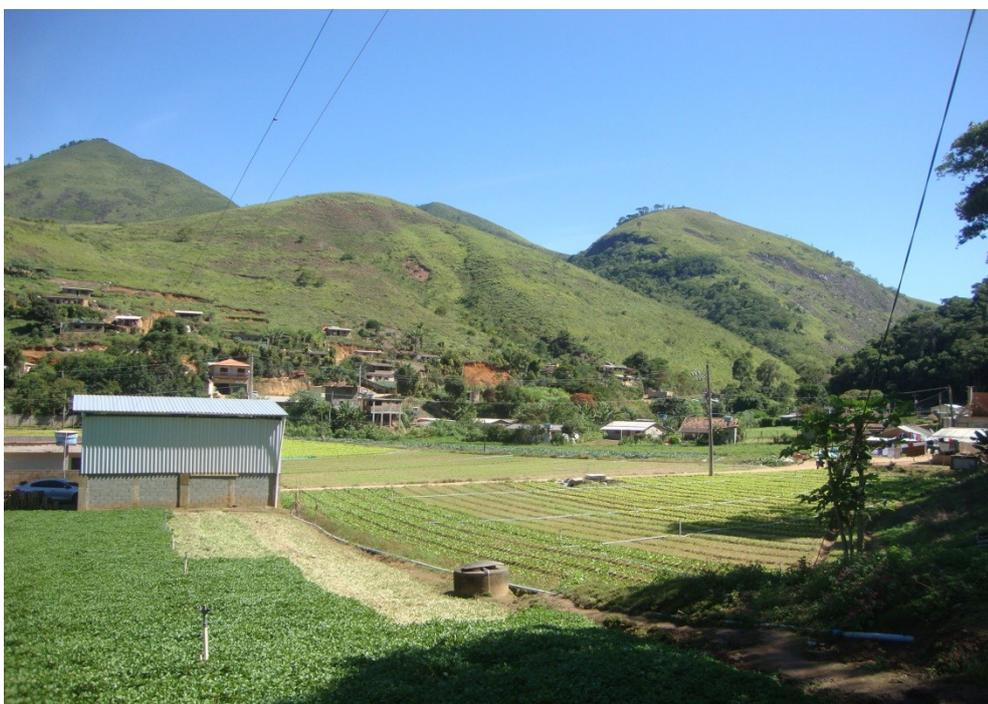


Figura 10: plantação e ao fundo, casas inacabadas subindo o morro.

Infelizmente o que se observa é uma verdadeira “invasão” a estes locais antes poucos degradados, e hoje devastados. Sem nenhum tipo de intervenção pública, as casas aparecem em cima de morros, em áreas preservadas, onde antes eram plantações e verde. É um mal não apenas em zonas urbanas, isso sem dúvida afasta o turista, tira o interesse em visitar a região apesar da originalidade e riqueza local.

7.7. Entender a falta de interesse no Turismo Rural: não possui verba, burocracia ou não tem potencialidade.

É simplesmente uma junção de todos estes fatores. Mas em minha opinião não possuir verba é o fator mais agravante, alguns dos arrendatários e meeiros possuem interesse, porém a terra não é deles. Como mexer e investir em uma propriedade que nem é sua? O segundo fator, a questão burocrática para abrir um negócio no Brasil, agricultores não entendem, precisariam de um suporte, uma direção que seja para iniciar o processo e dar entrada em papéis para abrir uma firma e legaliza-la. Não possuir potencial é algo muito relativo, acredito que toda região pode se desenvolver e criar através do turismo benefícios para a região é necessário um plano de marketing e um estudo de demanda nos destinos.

7.8. A vida na lavoura

Para alguns tem que gostar, para outros não é vida, para outros ainda é a melhor vida do mundo. Durante as entrevistas foi percebida uma grande variação de respostas em relação à vida no campo. Percebeu-se que havia poucos jovens nas lavouras, muitos estavam estudando na cidade ou já se foram, raros os que permanecem ali. Realmente, nos dias de entrevistas podia-se observar que, embaixo de chuva ou de sol, estavam todos trabalhando. Em entrevista Rosemeri do Imbiu nos relatou: [...]Não importa, os atravessadores querem as mercadorias e pronto, não tem dia de folga, aposentadoria, benefícios trabalhistas, nada, só precisamos de saúde para trabalhar e quando não tem, trabalha-se dobrado quando tem. É difícil, uma vida ingrata e sem recompensas, mas muitos gostam, o lugar é tranquilo, sem poluição, trabalha-se para viver e não ao contrário como na cidade [...].”

7.9. Meeiros/ Arrendatários/Proprietário

Primeiramente uma breve diferenciação entre meeiros e arrendatários. Os primeiros ganham a moradia e trabalham em terras que pertencem à outra pessoa, em troca todo o lucro da produção é dividido, já os arrendatários pagam um aluguel pelas terras e plantam e colhem e o que querem, todo o lucro é do arrendador, mas na maioria das vezes precisa morar em outro lugar. Em relação ao turismo, dois pontos de vistas diferentes: os meeiros e arrendatários possuem interesse, mas não possuem verba, os proprietários possuem verba, mas não interesse, já que aquilo pra eles é apenas mais uma maneira de ganhar dinheiro, muitos vivem na cidade e aparecem na zona rural algumas vezes ao ano. Esta é mais uma prova de quão seria difícil implementar o turismo rural na região, divergências de interesse.

7.10. Histórico: porque não o turista ao invés do atravessador?

Creio que seja uma questão histórica e de costume do que apenas querer ou não. Vender para um turista um pé de alface custa cerca de R\$2,00 tendo um lucro assim dez vezes maior, para um atravessador o mesmo pé de alface não passa de R\$0,20. Mas o problema é que o agricultor ainda não parou para pensar assim, como foi abordado anteriormente outros fatores também ganham peso quando a questão é adaptar a propriedade para o turista.

A falta de infraestrutura (ruas esburacadas ou de terra, acesso sem sinalização, falta de hotéis e restaurantes) na região é uma coisa boa ou ruim para o turismo rural?

Os pontos acima mencionados são questionáveis. Até onde vai o desejo do turista em conhecer tal lugar? Ele está disposto a encarar o que é diferente ou ele não quer fugir do que vive na cidade? Será que todos estes pontos abordados são negativos?

O turista que procura o meio rural para vivência é exigente, mas ao mesmo tempo ele quer algo autêntico, diferente do que ele está acostumado a vivenciar. Não ter hotéis ou bons restaurantes talvez seja algo bom, pois força o turista a ter mais vivência com as pessoas do campo, abrir as portas da sua casa, locando quartos, servindo uma comida caseira e colhendo produtos, isso é o diferencial. Talvez se houvesse sinalização a região estaria mais explorada com isso mais depredada e “feia” aos nossos olhos, a divulgação consciente pode ser um importante meio de divulgar a região, mas também pode denegrir a imagem do local, a medida que se torna desgastada com o passar dos anos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À primeira vista foi observado que em Venda Nova e Imbiu havia forte potencial no Turismo Rural. A grande preocupação inicial foi identificar formas de maximizar os ganhos e impactos positivos para a região, não comprometendo a qualidade de vida, o patrimônio local e as características que fazem da região um local de grande atratividade turística. O estudo pode nos oferecer parâmetros geográficos e paisagísticos suficientes para dizer que a região tem diversas formas de turismo a serem exploradas, inclusive o rural.

Percebendo o potencial inicial para o desenvolvimento do turismo rural na região houve a necessidade de compreender o cenário atual e as possibilidades futuras para desenvolvimento e consolidação deste segmento no município de Teresópolis.

O intuito foi realizar um estudo acerca da atividade do turismo rural em Teresópolis apresentando os principais autores que contribuíram com a pesquisa. Este estudo é suficientemente amplo para se chegar a uma conclusão satisfatória acerca da atividade na cidade, porém o que foi constatado na pesquisa é um fato novo e relevante para futuros alunos e pesquisadores. Infelizmente os fatos observados na prática foram diferentes do esperado, mas como toda pesquisa, o resultado nem sempre é o desejado e junto a isso atento para a questão dos agricultores locais que embora tenham interesse na implementação da atividade nas propriedades onde trabalham existe uma série de fatores e empecilhos devem ser levados em consideração.

Foi possível identificar jovens e outros membros de famílias de agricultores com interesse e potencial para envolvimento em iniciativas de turismo rural, porém sem capital inicial nem estrutura física para dar continuidade ao projeto. Foi percebido o grau de sensibilização e envolvimento atual dos agricultores rurais com o turismo, sua disponibilidade e interesse em participar de projetos futuros, bem como o potencial das propriedades. Espera-se que, o desenvolvimento de ações de extensão em turismo rural possa estimular ações de desenvolvimento local, oferecendo oportunidade para que os benefícios do desenvolvimento do turismo sejam usufruídos de maneira equitativa, justa e que a capacidade empreendedora local seja fomentada e receba o apoio necessário para seu pleno desenvolvimento.

9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joaquim Anécio. **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Cidade, EDUSC, 2000

ANJOS, Flávio S. dos. **Agricultura Familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003. 374 p.

CALATRAVA REQUENA, J., RUIZ ÁVILES, P. **El turismo, una oportunidad para las zonas rurales desfavorecidas**. *Leader Magazine*, Bruxelas, n 4, 1993.

CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO – CIDE. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.cide.rj.gov.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS – CNM. **Perfil Municipal: Teresópolis**. Disponível em: <http://www.cnm.org.br/perfil/mu_perfil.asp?iIdMun=100133086>. Acesso em: 10 nov. 2006.

Conselho de Turismo e Negócios da Fecomercio. **A Importância do Turismo no Brasil e no Mundo**. Junho/2011

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T e VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **Turismo e a relação sociedade natureza: realidades, conflitos e resistência**. Fortaleza: EDUECE, 2007.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2008

ELSEVIER, Nome. **Turismo e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro, 2011

FONTELES, José Osmar. **Turismo e impactos socioambientais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

FROEHLICH, José Marcos. **Turismo Rural e Agricultura Familiar**: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local. Bauru SP: Edusc, 2000.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. **Relatório sobre a situação atual do Município Teresópolis de Teresópolis**: versão preliminar. 2006. Texto para uso técnico – Fundação Getúlio Vargas. Teresópolis.

GASTAL, Susana e MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GRAZIANO DA SILVA, Jose et al. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: **Turismo Rural e desenvolvimento Sustentável**. (Org.) ALMEIDA, J.A et al. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.

GUZZATTI, Thaise Costa; TURES, Valério Alécio. **ENAPEGS Gestão Social como caminho para a redefinição da esfera pública**: O papel da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC) na construção de políticas públicas de turismo focadas no desenvolvimento rural e na promoção da agricultura familiar. Disponível em: <<http://www.anaisenapegs.com.br/2011/dmdocuments/p168.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

IBGE. **Crescimento da população rural e urbana**. Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>, Acesso em ago, 2014.

IBGE. **Teresópolis Rio de Janeiro - RJ**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/teresopolis.pdf>>. Acesso em: mai. 2014.

IBGE. **Histórico de Teresópolis**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=330580&search=rio-de-janeiro%7Cteresopolis%7Cinphographics:-history&lang=>. Acesso em mai. 2014.

LIMA, Felipe Borborema Cunha. **O agroturismo em Santa Rosa de Lima SC.** Disponível: <http://www6.univali.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=686>. Acesso em: 23 mai. 2014.

MAGALHÃES, Claudia Freitas. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios.** São Paulo: Roca, 2002.

MARAFON, Gláucio J. **Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense.** p.17-60. In: Campo-Território: Revista de Geografia Agrária. Uberlândia, v.1, n.1, 2006. Acesso em 03 jun. 2014.

MARAFON, Gláucio José e RIBEIRO, Miguel Ângelo. “**Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense.**”, Revista Rio de Janeiro, n. 18-19, jan.-dez. 2006

TURISMO, Ministério do. **Dinâmica e diversidade do Turismo de base comunitária.** Cidade: Editora, 2010

TURISMO, Ministério do. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação-Geral de Segmentação. **Turismo Rural: Orientações Básicas.** 2ª Edição. Brasília, 2010

Prefeitura Municipal de Teresópolis. **Plano Diretor da cidade de Teresópolis,** 2006.

RABAHY, Wilson Abrahão. **Planejamento do Turismo: estudos econômicos e fundamentos econométrico.** São Paulo: Edições Loyola, 1990

ROSA, WaleskaMarcy. **Regularização fundiária e eficácia dos novos instrumentos: a concessão de uso especial para fins de moradia no município de Teresópolis – RJ.** Teresópolis

RUA, João. **Turismo Rural e seus impactos sócio-ambientais nos municípios de Teresópolis e Nova Friburgo (RJ)**. Disponível em: <http://www.geo.puc-rio.br/index.php/projetos/13-projetos/26-turismo-rural-e-seus-impactos-socio-ambientais-nos-municipios-de-teresopolis-e-nova-friburgo-rj>. Acesso em: 09 out. 2014.

SOLLA, X. M. S. **Turismo Rural: tendências e perspectivas**. In: IRVING, M. A. AZEVEDO, J. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002.

SANTOS, Alessandra dos Santos. **“O Turismo Rural sob a perspectiva do “Novo Rural””: uma análise das Políticas Públicas para o setor dos Estados Brasileiro**. 2008. 132 pág. Dissertação. Turismo e Hotelaria. Balneário Camboriú, 2008

SILVA, Jose Graziano da. **O Novo Rural Brasileiro**. Disponível em: http://www.fidamerica.org/admin/docdescargas/centrodoc/centrodoc_443.pdf. Acesso em: 08 jul. 2014.

SOUZA; Raquel Pereira; SOUZA; Marcelo Santos. **O debate brasileiro sobre pluriatividade**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/9/78.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2014.

SWARBROOKE, John e HORNER, Susan. **O comportamento do consumidor no Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002

TOMAZZONI, EdegarLuis. **Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores**. Caxias do Sul: EDUSC, 2009.

TURISMO, Ministério do. **Documento Referencial Turismo no Brasil**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_no_Brasil_2011_-_2014_sem_margem_corte.pdf. Acesso em 09 out. 2014.

TURISMO, Ministério do. **Destino Referência em Turismo de Sol e Praia**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/jericoacoara.pdf. Acesso em 13 mai. 2014.

TURISMO, Ministério do. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/plano_nacional/downloads_plano_nacional/PNT_-_2013_2016.pdf>. Acesso em 25 mai. 2013.

TURISMO, Ministério do. **Turismo Rural: Orientações Básicas 2ª Edição**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em 02 mar. 2014.

TURISMO, Ministério do. **Vivências Brasil Aprendendo com o Turismo Nacional: Turismo Rural Vale do Café**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/cadsubsidijs_VALE_DO_CAFE.pdf>. Acesso em 05 abr. 2014.

TURISMO, Ministério do. **Roteiros do Brasil: Programa de Regionalização do Turismo**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf>. Acesso em jun.2014

VEIGA, José Eli da. **A face territorial do desenvolvimento**. Disponível em: <http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n5_jose_eli.pdf>. Acesso em: jun. 2014